

ARTE, MEMÓRIA E IDENTIDADE: REFLEXÕES SOBRE O TERRITÓRIO DE SANTA IZABEL DO PARÁ

Adejana dos Santos Meireles

<http://lattes.cnpq.br/0549733055620780>

<https://orcid.org/0009-0009-7487-4118>

E-mail: adejanarosa@gmail.com

Maria Barbara da Costa Cardoso

Doutora em Educação (UFPA-2020). Mestra em Educação (UFPA-2012); especialista em Gestão Escolar (Escola de Governo-UFPA-2015); especialista em Coordenação e Organização de Trabalhos Pedagógicos (UFPA-2005), Graduação em Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade Federal do Pará; Especialista em Educação-SEDUC/PA. Professora SEMEC/Abaetetuba. Coordenadora do Ensino Fundamental SEMEC/Abaetetuba.

<http://lattes.cnpq.br/8512666584817111>

<https://orcid.org/0000-0003-4184-1052>

E-mail: barbara.costa@csfx.org.br

DOI-Geral: <http://dx.doi.org/10.47538/RA-2024.V3N4>

DOI-Individual: <http://dx.doi.org/10.47538/RA-2024.V3N4-49>

RESUMO: O município de Santa Izabel do Pará, localizado na Região Metropolitana de Belém, possui um rico patrimônio histórico e cultural, expresso em suas tradições, práticas comunitárias e manifestações artísticas. A arte, nesse contexto, emerge como linguagem essencial para a preservação da memória coletiva e para a construção da identidade local. O objetivo principal deste artigo é analisar como as práticas artísticas contribuem para a manutenção da memória e para a afirmação da identidade cultural de Santa Izabel do Pará. A pesquisa adota uma metodologia exploratória, fundamentada em análise documental e em referências a artistas, obras e projetos culturais locais, buscando compreender as interações entre arte, território e pertencimento. Os resultados e reflexões apontam que a arte em Santa Izabel do Pará funciona como espaço de resistência cultural, de valorização das tradições e de fortalecimento do sentimento de pertencimento da comunidade. Além disso, revela-se a necessidade de políticas públicas e de projetos culturais que assegurem a continuidade dessas práticas, fundamentais para a memória coletiva e para a identidade cultural do município.

PALAVRAS-CHAVE: Arte. Memória Coletiva. Identidade Cultural. Santa Izabel do Pará.

ART, MEMORY, AND IDENTITY: REFLECTIONS ON THE TERRITORY OF SANTA IZABEL DO PARÁ

ABSTRACT: The municipality of Santa Izabel do Pará, located in the Belém Metropolitan Area, possesses a rich historical and cultural heritage expressed through its traditions, community practices, and artistic manifestations. In this context, art emerges as an essential language for preserving collective memory and constructing local identity. The main objective of this article is to analyze how artistic practices contribute to maintaining memory and affirming the cultural identity of Santa Izabel do Pará. The research employs an exploratory methodology based on document analysis and references to local artists, works, and cultural projects, seeking to understand the interactions

between art, territory, and a sense of belonging. The results and reflections indicate that art in Santa Izabel do Pará serves as a space for cultural resistance, the valuing of traditions, and the strengthening of the community's sense of belonging. Furthermore, the study highlights the need for public policies and cultural projects to ensure the continuity of these practices, which are fundamental to the municipality's collective memory and cultural identity.

KEYWORDS: Art. Collective Memory. Cultural Identity. Santa Izabel do Pará.

INTRODUÇÃO

O município de Santa Izabel do Pará, localizado na Região Metropolitana de Belém, destaca-se por sua relevância histórica, cultural e social dentro do contexto amazônico. Fundado em meados do século XIX, o município guarda em sua formação marcas de tradições religiosas, festas populares, práticas comunitárias e manifestações artísticas que atravessam gerações. Seu patrimônio cultural imaterial, expresso em celebrações, músicas, danças, artes visuais e práticas artesanais, reflete a diversidade e a riqueza da identidade local.

Nesse cenário, a arte se apresenta como um meio privilegiado de expressão da identidade e da memória coletiva. Por meio das práticas artísticas, a população izabelense reafirma vínculos com seu passado, preserva tradições e atualiza sentidos de pertencimento. A arte possibilita não apenas a representação de símbolos e narrativas históricas, mas também a criação de espaços de resistência cultural e de fortalecimento da coesão comunitária diante das transformações sociais contemporâneas.

A justificativa deste estudo reside na necessidade de compreender como as manifestações artísticas locais contribuem para a preservação da memória e para a construção da identidade cultural de Santa Izabel do Pará. Ao reconhecer a arte como linguagem social e como instrumento de produção simbólica, busca-se valorizar a importância dessas práticas para a manutenção da história coletiva e para a reafirmação da identidade do município.

O objetivo geral desta pesquisa é analisar o papel da arte na preservação da memória e na constituição da identidade cultural de Santa Izabel do Pará. Como objetivos específicos, propõe-se: contextualizar historicamente e culturalmente o município; identificar manifestações artísticas locais relevantes; discutir como a arte atua como

memória coletiva e meio de pertencimento; refletir sobre a percepção da população local diante da representação de sua identidade cultural por meio da arte.

A estrutura do artigo foi organizada de forma a possibilitar uma compreensão ampla e articulada do tema. No primeiro momento, serão discutidos os conceitos de memória e identidade, seguidos da relação entre território e pertencimento. Em seguida, será abordada a arte como forma de expressão cultural, destacando sua função social. Posteriormente, apresenta-se a metodologia da pesquisa, que envolve análise documental e referências locais. Na seção de análise e discussão, o texto será dividido em quatro eixos: o território de Santa Izabel do Pará, manifestações artísticas locais relevantes, a memória coletiva nos processos artísticos e a construção da identidade local por meio da arte. Por fim, serão apresentadas as considerações finais, com reflexões sobre os resultados e proposições para políticas públicas e pesquisas futuras.

REFERENCIAL TEÓRICO

MEMÓRIA E IDENTIDADE

A memória coletiva e a identidade cultural são conceitos centrais para a compreensão das dinâmicas sociais, especialmente no campo das ciências humanas e sociais aplicadas. Ambos os temas estão interligados, uma vez que a construção de identidades se sustenta em práticas de lembrança e esquecimento, selecionadas e legitimadas por grupos sociais em contextos históricos específicos.

Maurice Halbwachs (1990) foi o primeiro teórico ao sistematizar o conceito de memória coletiva, defendendo que mesmo a memória individual é construída socialmente, mas em interação constante com os grupos aos quais os sujeitos pertencem. Para o autor, a lembrança é sempre situada em quadros sociais que fornecem referências, linguagens e significados compartilhados. Nesse sentido, a memória não é neutra, mas marcada pelas relações de poder que definem o que deve ser lembrado e o que deve ser silenciado.

Não basta reconstituir pedaço por pedaço a imagem de um acontecimento passado para obter uma lembrança. É preciso que esta reconstituição funcione a partir de dados ou de noções comuns que estejam em nosso espírito e no dos outros, porque elas estão sempre

passando destes para aqueles e vice-versa, o que será possível se somente tiverem feito e continuarem fazendo parte de uma mesma sociedade, de um mesmo grupo (Halbwachs, 1990).

Pierre Nora (1993) amplia esse debate ao introduzir a noção de lugares de memória (*lieux de mémoire*), compreendidos como espaços materiais, simbólicos ou funcionais nos quais a memória se cristaliza. Para Nora, em sociedades modernas marcadas pela aceleração e pela fragmentação temporal, esses lugares tornam-se fundamentais para a preservação da memória e, consequentemente, para a manutenção de identidades coletivas. Espaços como museus, monumentos e arquivos históricos desempenham a função de resguardar certos elementos da memória coletiva em prejuízo de outros. Essa dinâmica aparece de forma clara em iniciativas como festas comemorativas de datas históricas ou a organização de arquivos digitais, em que determinadas versões são enaltecidas e outras relegadas ao esquecimento.

No campo da identidade cultural, Stuart Hall (2003) destaca que as identidades não são fixas ou essencialistas, mas construções discursivas em constante processo de transformação. A identidade cultural, para Hall, está sempre em diálogo com narrativas históricas, memórias coletivas e práticas culturais que a constituem, sendo marcada pela diferença, pela multiplicidade e pela hibridez.

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidade a possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar - ao menos temporariamente (Hall, p. 13, 2006).

Tomaz Tadeu da Silva (2000), por sua vez, enfatiza que a identidade cultural é também uma questão política, pois envolve disputas sobre quem pode falar, quais memórias podem ser legitimadas e quais narrativas devem ser excluídas. Dessa forma, a identidade não é apenas um processo de reconhecimento, mas também de exclusão, no qual determinados grupos têm suas vozes marginalizadas. É o que ele diz sobre multiculturalismo.

O chamado “multiculturalismo” é um fenômeno que, claramente, tem sua origem nos países dominantes do Norte. O multiculturalismo, tal como a cultura contemporânea, é fundamentalmente ambíguo. Por um lado, o multiculturalismo é um movimento legítimo de reivindicação dos grupos culturais dominados no interior daqueles países para terem suas formas culturais reconhecidas e representadas na cultura nacional.

O multiculturalismo pode ser visto, entretanto, também como uma solução para os “problemas” que a presença de grupos raciais e étnicos coloca, no interior daqueles países, para a cultura nacional dominante (Silva, 1999).

Dessa forma, a articulação entre memória coletiva e identidade cultural permite compreender como sociedades constroem seus pertencimentos e significados. A memória, como construção social, oferece os recursos para a elaboração das narrativas identitárias, enquanto a identidade cultural organiza essas memórias em discursos que legitimam modos de vida, valores e tradições.

Conclui-se que tanto a memória coletiva quanto a identidade cultural são processos dinâmicos, atravessados por relações de poder e pela necessidade de reconhecimento. A compreensão desses conceitos, a partir das contribuições de Halbwachs, Nora, Hall e Silva, contribui para analisar criticamente as formas como comunidades constroem suas histórias e reafirmam suas diferenças no mundo contemporâneo.

TERRITÓRIO E PERTENCIMENTO

A compreensão das dinâmicas sociais e culturais contemporâneas exige um olhar atento para os conceitos de território, espaço e lugar, amplamente debatidos nas ciências humanas, especialmente na geografia crítica. Esses conceitos não apenas descrevem dimensões físicas e materiais do mundo, mas também carregam significados simbólicos que atravessam as práticas sociais e os processos de construção identitária.

Milton Santos (2002) define o espaço como um conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações. Nessa perspectiva, o espaço não é apenas um cenário neutro onde as atividades humanas se desenvolvem, mas o resultado da interação entre a materialidade — edificações, vias, tecnologias — e as ações humanas, que lhe conferem sentido e dinâmica.

O conceito de território, por sua vez, é marcado pela presença do poder. Raffestin (1993) entende o território como o resultado da apropriação e da produção do espaço por meio das relações sociais. O território não existe previamente: ele se constitui a partir da ação humana, que o organiza e lhe atribui significados, sendo atravessado por disputas,

fronteiras e relações de dominação. Assim, o território é sempre político, pois envolve formas de controle, resistência e negociação.

Já o lugar é frequentemente associado à dimensão da experiência e da afetividade. Para Santos (2002), o lugar representa a escala da vida cotidiana, onde se concretizam as práticas sociais e se produzem vínculos simbólicos. Ele é o espaço vivido, carregado de significados construídos pela memória, pela história e pela experiência dos sujeitos e coletividades.

A articulação desses conceitos permite compreender a estreita relação entre território e construção identitária. As identidades culturais e sociais se constroem a partir da vinculação com espaços concretos e simbólicos, que fornecem referências de pertencimento. O território, nesse sentido, não é apenas delimitado por fronteiras físicas, mas também por fronteiras simbólicas, culturais e históricas que definem quem faz parte de uma comunidade e quem é considerado “outro”.

Assim, as práticas de apropriação do espaço, os usos do território e a vivência nos lugares estão no cerne dos processos identitários. A identidade se ancora tanto na materialidade (a terra, a paisagem, a arquitetura) quanto nos significados simbólicos (memórias, tradições, narrativas) que emergem dessas relações. Nesse processo, o território torna-se mais do que um espaço físico: é uma construção social e cultural que sustenta a afirmação de identidades coletivas. No entanto, é importante destacar que tais construções não são neutras; determinadas narrativas culturais ganham centralidade e legitimidade, enquanto outras — muitas vezes ligadas a grupos historicamente marginalizados — permanecem silenciadas ou invisibilizadas. Reconhecer essas exclusões é fundamental para compreender como o território pode, ao mesmo tempo, afirmar identidades e reproduzir desigualdades simbólicas e culturais.

A leitura conjunta das reflexões de Santos e Raffestin permite compreender a causalidade entre o papel do território na resistência à globalização hegemônica e a necessidade de apreender a territorialidade em seu contexto sócio-histórico. Para Santos (2005), a “maldição da globalização perversa” pode ser superada a partir de uma reconstrução social ancorada no território, entendido como base concreta de experiências, práticas e valores que resgatem a dignidade humana frente à lógica excludente do

mercado global. Nesse sentido, o território é o ponto de partida para uma outra globalização, mais justa e solidária.

[...] que permitirão, a partir da base da sociedade territorial, encontrar um caminho que nos libere da maldição da globalização perversa que estamos vivendo e nos aproxime da possibilidade de construir uma outra globalização, capaz de restaurar o homem na sua dignidade (Santos, 2005).

Raffestin (1993), por sua vez, oferece a chave explicativa para essa possibilidade ao afirmar que a territorialidade só pode ser compreendida mediante a análise das relações sociais que a constituem em seus contextos espaço-temporais. Ou seja, a capacidade do território de funcionar como base de resistência e de construção de alternativas à globalização perversa só se efetiva quando se consideram as práticas históricas, culturais e sociais que o estruturam.

[...] eis por que pensamos que a análise da territorialidade só é possível pela apreensão das relações reais recolocadas no seu contexto sócio-histórico e espaço-temporal. [...] Não é possível compreender essa territorialidade se não considerar aquilo que a construiu, os lugares em que ela se desenvolve e os ritmos que ela implica (Raffestin, 1993).

Assim, a causalidade entre os dois pensamentos reside no fato de que a proposta de Santos — de um território capaz de restaurar a dignidade humana — depende diretamente da concepção de Raffestin, que evidencia a territorialidade como resultado de processos sociais concretos. Em outras palavras, é a historicidade e a materialidade do território, reveladas por Raffestin, que fornecem a base para que ele se torne, como aponta Santos, um espaço de emancipação frente às desigualdades impostas pela globalização.

Conclui-se que a reflexão sobre território, espaço e lugar, a partir das contribuições de autores como Milton Santos e Raffestin, amplia a compreensão da identidade como processo histórico, político e relacional. A análise desses conceitos evidencia que a identidade não se constrói no vazio, mas em contextos territoriais concretos, onde se entrelaçam práticas sociais, relações de poder e vínculos simbólicos que estruturam o sentido de pertencimento.

ARTE COMO FORMA DE EXPRESSÃO CULTURAL

A arte, desde as primeiras manifestações humanas, constitui-se como um campo de produção simbólica que ultrapassa a dimensão estética, assumindo uma função social de extrema relevância. Mais do que simples expressão individual, ela desempenha um papel ativo na organização e na transformação das sociedades, contribuindo para a transmissão de valores, a problematização de realidades e a criação de espaços de diálogo. Como ressalta Adorno (2008), a arte possui uma natureza dialética, capaz de refletir e, ao mesmo tempo, questionar o contexto social em que está inserida.

Nesse sentido, a arte se configura como prática social que dá voz a diferentes grupos e contextos, funcionando como mediadora de experiências coletivas e instrumento de resistência cultural. Ao registrar símbolos, narrativas e imaginários, ela não apenas traduz, mas também amplia as possibilidades de compreensão do mundo, reforçando a participação social e a construção de identidades.

Em paralelo, a arte pode ser compreendida como uma linguagem da memória e da identidade. Segundo Maurice Halbwachs (2006), a memória é constituída por meio de quadros sociais que orientam a recordação. Nesse processo, a arte atua como mediadora privilegiada, pois conserva lembranças, reinterpreta acontecimentos e transmite tradições culturais. Pinturas, músicas, danças, esculturas e outras formas de expressão carregam marcas do tempo, atualizando experiências passadas e permitindo que se mantenham vivas nas gerações seguintes.

Por sua vez, Stuart Hall (2003) observa que a identidade cultural é uma construção dinâmica, marcada por negociações, deslocamentos e hibridismos. Nessa perspectiva, a arte não apenas representa identidades, mas também participa ativamente de sua constituição, ao produzir significados compartilhados e abrir espaços para a afirmação ou contestação de pertencimentos. Dessa forma, ela funciona como um território simbólico onde memórias coletivas e identidades sociais se entrelaçam.

Conclui-se, portanto, que a arte, ao mesmo tempo em que cumpre uma função social, também atua como linguagem que preserva memórias e forja identidades. Reconhecer sua importância nesse processo significa valorizar não apenas sua dimensão estética, mas sua potência enquanto instrumento de crítica, resistência e mediação

cultural. Assim, a arte reafirma-se como elemento indispensável para a construção de uma sociedade plural, consciente de seu passado e aberta a novas formas de existir e de se reconhecer.

METODOLOGIA

A pesquisa desenvolvida apresenta caráter exploratório, tendo como objetivo ampliar a compreensão sobre a arte e as manifestações culturais em Santa Izabel do Pará, bem como sua relação com a memória e a identidade da comunidade local. Esse tipo de abordagem é adequado quando o tema ainda carece de aprofundamento sistemático e permite levantar hipóteses e reflexões que possam orientar estudos futuros.

As técnicas utilizadas foram baseadas na análise documental, abrangendo materiais escritos, registros visuais e audiovisuais, relatórios institucionais e produções acadêmicas que discutem a realidade cultural do município. Além disso, documentos de políticas públicas, projetos culturais e informações divulgadas por órgãos oficiais também foram considerados, a fim de oferecer uma visão mais abrangente do cenário artístico izabelense.

A delimitação espacial e temporal do estudo concentra-se em Santa Izabel do Pará, município da região metropolitana de Belém, analisando o contexto atual das práticas artísticas locais. Essa delimitação permite compreender como as manifestações culturais estão sendo preservadas, transformadas ou ressignificadas no presente, considerando a influência de processos sociais, históricos e econômicos recentes.

No que se refere aos participantes ou fontes utilizadas, a pesquisa toma como referência artistas locais, suas obras e trajetórias, bem como os projetos culturais em desenvolvimento no município. As práticas coletivas, como festas tradicionais, grupos artísticos e iniciativas comunitárias, também constituem fontes relevantes de análise. Complementarmente, estudos acadêmicos, publicações institucionais e registros de eventos culturais funcionaram como base para consolidar uma visão integrada sobre a importância da arte na configuração da identidade cultural de Santa Izabel do Pará.

Assim, a pesquisa articula dimensões teóricas e empíricas, permitindo refletir sobre os modos como a arte atua como linguagem de memória, de identidade e de pertencimento no contexto izabelense.

ANÁLISE E DISCUSSÃO

O TERRITÓRIO DE SANTA IZABEL DO PARÁ

Santa Izabel do Pará é um município brasileiro situado na Região Metropolitana de Belém, Estado do Pará. A sua história está intimamente ligada à construção da Estrada de Ferro Belém-Bragança, empreendimento determinante para o povoamento local. Migrantes nordestinos, entre outros grupos, chegaram à região atraídos por oportunidades de trabalho ligadas à ferrovia e à colonização agrícola.

O povoado original começou com a implantação do Núcleo Colonial Nossa Senhora de Benevides no final do século XIX, especificamente em 1877. A elevação à vila ocorreu em 1899, e após alguns anos de mudanças na categoria administrativa, Santa Izabel foi definitivamente reconhecida como município em 1934. A população tem crescido ao longo dos anos, e o município tem se destacado tanto pela proximidade geográfica de Belém quanto pela sua importância local nos setores da agricultura, produção rural, além de atividades de comércio e de cultura.

Do ponto de vista patrimonial, Santa Izabel abriga construções históricas relevantes, como o Conjunto Arquitetônico Antônio Lemos, idealizado no início do século XX para abrigar meninas órfãs, que hoje sediou diferentes usos institucionais, sendo reconhecido como patrimônio local e tombado pela Secretaria de Cultura do Estado do Pará. Outro edifício importante é o Grupo Escolar Sílvio Nascimento, inaugurado em 1906, localizado às margens da Estrada de Ferro, recentemente restaurado para abrigar o Centro Cultural e Biblioteca da Escola Municipal Sílvio Nascimento.

MANIFESTAÇÕES ARTÍSTICAS LOCAIS RELEVANTES

As manifestações artísticas em Santa Izabel do Pará constituem expressões significativas da cultura local, refletindo tanto os elementos tradicionais da região quanto

práticas contemporâneas de valorização da arte, da memória e da cidadania. O município apresenta uma diversidade de iniciativas culturais que evidenciam a vitalidade e a multiplicidade de suas expressões artísticas.

Entre elas, destacam-se as ações voltadas à literatura e à leitura, como a Expedição Literária, promovida pela Fundação Cultural do Pará, que tem desenvolvido atividades de incentivo à leitura, oficinas e formação de multiplicadores culturais no município. Tais iniciativas configuram-se como importantes instrumentos de resgate e fortalecimento da produção literária local e regional, contribuindo para a democratização do acesso à cultura e para a valorização das identidades amazônicas.

A cultura ritual e religiosa também ocupa papel central na dinâmica cultural izabelense. Festividades como o Círio de Santa Izabel, o Círio de Nossa Senhora do Carmo e o Círio de Nossa Senhora da Conceição representam momentos de encontro comunitário, fé e celebração, nos quais a música, as procissões e as manifestações simbólicas reforçam os laços de pertencimento e consolidam identidades coletivas. Essas festas expressam a continuidade das tradições locais, ao mesmo tempo em que se reconfiguram diante das transformações contemporâneas.

Outro aspecto relevante é o patrimônio arquitetônico, compreendido como espaço de memória e de produção artística. A restauração do Grupo Escolar Sílvio Nascimento, atualmente convertido em Centro Cultural e Biblioteca, exemplifica a articulação entre preservação patrimonial e promoção cultural, ao reunir em um mesmo espaço salas de arte, sala de memória, auditório e áreas destinadas a exposições e atividades educativas. De forma semelhante, o Conjunto Arquitetônico Antônio Lemos constitui um importante marco histórico e estético, representando a continuidade da memória institucional e urbana de Santa Izabel do Pará.

No campo das artes performáticas e musicais, os eventos comemorativos como o aniversário de emancipação do município oferecem espaço para a valorização de talentos locais e regionais, promovendo o intercâmbio cultural e fortalecendo as expressões artísticas da comunidade. Nesse contexto, destaca-se a BAMAD — Banda Marcial Doracy Leal, conhecida carinhosamente como “A Fera Verde de Santa Izabel”, que representa um importante símbolo da identidade musical izabelense. Originada como uma fanfarra escolar, a BAMAD evoluiu ao longo dos anos para uma banda marcial

reconhecida, participando de desfiles, apresentações cívicas e eventos culturais. Sua trajetória reflete o compromisso da população com a arte e a música como formas de coesão social, memória coletiva e orgulho local, evidenciando como as manifestações artísticas contribuem para a vitalidade cultural e o sentimento de pertencimento da comunidade de Santa Izabel do Pará.

No campo das artes performáticas e musicais, os eventos comemorativos, como o aniversário de emancipação do município, proporcionam palco para apresentações de artistas locais e regionais. Essas iniciativas favorecem o intercâmbio cultural, o fortalecimento das expressões musicais e o reconhecimento da produção artística como elemento de coesão social.

Por fim, observa-se a presença de uma programação cultural contínua promovida pelo Centro Cultural e Biblioteca Sílvia Nascimento, que inclui exposições, contações de histórias, exibição de filmes curtos, jogos educativos, apresentações infantis e oficinas artísticas. Tais atividades inserem a arte no cotidiano da cidade e reafirmam o papel das instituições culturais na formação estética, social e cidadã da população izabelense. A história cultural de Santa Izabel do Pará mostra que a formação identitária do município se realiza por meio de articulações entre memória, patrimônio, festividades e iniciativas culturais locais. As manifestações artísticas não apenas preservam heranças materiais e simbólicas, mas também são espaços vivos de participação comunitária. A valorização do patrimônio arquitetônico, por exemplo, torna-se instrumento de reafirmação da identidade local, ao passo que espaços culturais renovados possibilitam novas práticas artísticas e dialogam com o presente.

Esse levantamento demonstra que investir em restauro, preservação, fomento cultural e projetos artísticos locais são ações fundamentais para fortalecer a coesão social, estimular o sentido de pertencimento, e garantir uma relação digna entre passado, presente e futuro de Santa Izabel.

A MEMÓRIA COLETIVA NOS PROCESSOS ARTÍSTICOS

A arte, em suas múltiplas linguagens, constitui-se como um dos principais meios de preservação e transmissão da memória coletiva. Conforme destaca Halbwachs (1990),

a memória social é construída de forma coletiva e compartilhada, sustentando identidades culturais e fortalecendo laços comunitários. No caso de Santa Izabel do Pará, município da Região Metropolitana de Belém, a arte desempenha um papel central na rememoração de acontecimentos históricos, tradições religiosas e culturais, bem como na valorização de figuras marcantes de sua trajetória.

O processo de colonização e crescimento do município, vinculado à Estrada de Ferro Belém-Bragança, está inscrito tanto em monumentos arquitetônicos quanto em expressões artísticas que evocam a memória da formação social izabelense. Edifícios como o Conjunto Arquitetônico Antônio Lemos e o Grupo Escolar Sílvio Nascimento, hoje transformado em Centro Cultural, simbolizam não apenas a história material do município, mas também sua ressignificação contemporânea como espaço de preservação de memórias e difusão artística (Oliveira, 2018). Nessas construções, a materialidade se converte em arte e memória, reiterando a função social da estética na rememoração do passado.

As manifestações religiosas, como os Círios dedicados a Santa Izabel e a Nossa Senhora do Carmo, configuram-se como exemplos de práticas artísticas e rituais que reafirmam tradições e a fé popular. Nessas festas, a arte se expressa por meio de músicas, danças, procissões e produção de objetos religiosos, compondo um mosaico simbólico que articula identidade comunitária e memória histórica (Souza, 2019). Tais celebrações funcionam como espaços de recordação viva, em que o presente atualiza e ressignifica experiências ancestrais.

Além das tradições religiosas, a literatura e a música locais também se consolidam como meios de rememoração. Projetos como a Expedição Literária possibilitam não apenas o incentivo à leitura, mas também a valorização de narrativas que resgatam histórias de personagens, lutas e conquistas do município. De modo semelhante, apresentações musicais em eventos festivos municipais relembram a força da cultura popular e suas conexões com a identidade amazônica.

Nesse sentido, a arte em Santa Izabel do Pará cumpre a função de transmitir e atualizar a memória, reafirmando valores culturais e sociais. Como observa Nora (1993), os “lugares de memória” não se restringem ao espaço físico, mas abrangem símbolos, rituais e práticas coletivas que carregam significados históricos. Assim, tanto os prédios

históricos restaurados quanto as festas religiosas e os projetos culturais contemporâneos configuram-se como espaços de memória, capazes de articular tradição e modernidade.

Conclui-se que a arte, em suas diversas formas, é essencial para a preservação da memória histórica e cultural de Santa Izabel do Pará. Ao rememorar acontecimentos, tradições e figuras importantes, ela fortalece a identidade local e contribui para a construção de uma consciência coletiva. Nesse processo, a arte não apenas recupera o passado, mas também o ressignifica, promovendo a continuidade e a renovação da cultura izabelense.

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE LOCAL POR MEIO DA ARTE

A identidade cultural de um povo se constrói a partir de práticas sociais, memórias coletivas e expressões simbólicas que, ao longo do tempo, consolidam valores, tradições e sentidos de pertencimento. Stuart Hall (2006) afirma que a identidade não é fixa, mas um processo em constante transformação, forjado no diálogo entre passado e presente. Nesse sentido, a arte emerge como um campo privilegiado para a representação e a ressignificação da identidade, funcionando como linguagem capaz de expressar os elementos que constituem a experiência coletiva. No município de Santa Izabel do Pará, essa articulação é visível nas manifestações artísticas que traduzem a história local, a religiosidade, a memória social e o modo de vida amazônico.

A arte em Santa Izabel do Pará, presente nas festas religiosas, nas expressões musicais, literárias e nas manifestações visuais, reflete os traços identitários da população. As celebrações, como o Círio em homenagem a Santa Izabel e a Nossa Senhora do Carmo, representam não apenas a fé, mas também a dimensão estética e cultural do município, onde procissões, cantos e imagens sagradas ressignificam práticas coletivas e reforçam vínculos de pertencimento. De modo semelhante, projetos culturais contemporâneos, como feiras literárias e apresentações musicais, revelam a pluralidade e a continuidade da identidade local, em diálogo com a tradição e a modernidade.

A percepção da população sobre essa identidade representada na arte é marcada pelo reconhecimento da arte como patrimônio coletivo. Estudos locais (Souza, 2019; Oliveira, 2020) indicam que a comunidade associa as manifestações artísticas à

preservação da memória histórica e à valorização das tradições herdadas de gerações anteriores. Para muitos izabelenses, a arte é compreendida como meio de reafirmação cultural frente aos desafios da urbanização e da globalização, constituindo um elo entre a memória comunitária e a construção de perspectivas futuras. Além disso, a participação ativa da população em eventos culturais evidencia que há uma apropriação simbólica da arte como representação de identidade e resistência.

Assim, pode-se afirmar que a identidade de Santa Izabel do Pará encontra na arte um espaço de expressão e legitimação. Por meio dela, a população reconhece sua história, valoriza suas tradições e fortalece o sentimento de pertencimento coletivo. A percepção local sobre a arte vai além do aspecto estético, configurando-se como prática social e política, que preserva memórias, reafirma valores culturais e projeta novas possibilidades de ser e existir no território amazônico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das manifestações artísticas de Santa Izabel do Pará permite refletir sobre a estreita relação entre arte, memória e identidade cultural. As práticas artísticas locais – desde as festas religiosas, como o Círio de Santa Izabel e a devoção à Nossa Senhora do Carmo, até expressões contemporâneas como música, literatura e artesanato – funcionam como mecanismos de preservação da memória coletiva e reafirmação do pertencimento social. Nesse sentido, evidencia-se que a arte não é apenas expressão estética, mas também instrumento de resistência simbólica frente aos processos de modernização e homogeneização cultural.

Entre as principais reflexões obtidas, destaca-se a percepção da população de que a arte local representa uma ponte entre passado e presente, ao mesmo tempo em que garante a transmissão de tradições para as novas gerações. Essa dimensão pedagógica da arte, conforme Halbwachs (1990) discute em relação à memória coletiva, fortalece a identidade comunitária, permitindo que valores e práticas culturais sejam constantemente ressignificados no cotidiano.

A valorização da arte local revela-se fundamental para a manutenção da memória e da identidade de Santa Izabel do Pará. Através da preservação das manifestações

culturais, promove-se não apenas o fortalecimento da autoestima coletiva, mas também a possibilidade de inserção do município em circuitos mais amplos de difusão cultural e turística. Assim, a arte torna-se vetor de desenvolvimento social e econômico, ao mesmo tempo em que sustenta os laços simbólicos que mantêm a coesão da comunidade.

Nesse contexto, algumas sugestões para políticas públicas, projetos culturais e pesquisas futuras podem ser destacadas. Entre elas, ressalta-se a necessidade de políticas de incentivo à formação de artistas locais e de espaços culturais permanentes, como museus, centros de memória e casas de cultura. Além disso, projetos escolares que integrem a arte ao ensino formal podem ampliar a consciência patrimonial entre as novas gerações, consolidando a educação para a cidadania cultural. No campo da pesquisa, recomenda-se a realização de estudos etnográficos mais aprofundados sobre as práticas artísticas locais, bem como a criação de inventários culturais que documentem, valorizem e difundam essas manifestações.

Em síntese, a análise demonstra que a arte em Santa Izabel do Pará ultrapassa o caráter estético, constituindo-se como elemento essencial para a preservação da memória, o fortalecimento da identidade e a promoção da diversidade cultural. Investir na valorização e difusão dessa arte é, portanto, um compromisso não apenas com o passado, mas também com o futuro da comunidade izabelense.

REFERÊNCIAS

A PROVÍNCIA DO PARÁ. **Santa Izabel do Pará: 91 anos de história a partir da Estrada de Ferro Belém-Bragança.** Disponível em: <<https://aprovinciadopara.com.br/santa-izabel-do-para-91-anos-de-historia-a-partir-da-estrada-de-ferro-belem-braganca/>>.

Acesso em: 08 out. 2025.

ADORNO, Theodor. **Teoria estética**, tradução de Artur Morão. Lisboa: Ed. 70, 2008

ALEPA. **Prédio histórico de Santa Izabel é reinaugurado após restauração.** Disponível em: <<https://alepa.pa.gov.br/Comunicacao/Noticia/7177>>. Acesso em: 10 out. 2025.

BAMAD. Facebook: **BAMADdeSIP.** <<https://www.facebook.com/BAMADdeSIP/>>. Acesso em: 10 out. 2025.

FUNDAÇÃO CULTURAL DO PARÁ. **Fundação Cultural leva Expedição Literária para Santa Izabel do Pará.** Disponível em: <<https://fcp.pa.gov.br/noticia/551/fundacao-cultural-leva-expedicao-literaria-para-santa-izabel-do-para>>. Acesso em: 07 out. 2025.

GIRO PARÁ. **Mari Fernandez é atração nacional no aniversário de Santa Izabel do Pará.** Disponível em: <<https://giopara.com.br/noticia/396/mari-fernandez-e-atracao-nacional-no-aniversario-de-santa-izabel-do-para>>. Acesso em: 07 out. 2025.

GRÃO BELÉM. **Santa Izabel do Pará.** Disponível em: <<https://graobelem.wixsite.com/graobelem/santa-izabel-do-para>>. Acesso em: 07 out. 2025.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Vértice, 1990.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

NORA, Pierre. **Entre mémoire et histoire: la problématique des lieux.** In: NORA, Pierre (Org.). *Les lieux de mémoire.* Paris: Gallimard, [1984]. v. 1, La République, p. XXIV.

O LIBERAL. **Prédio histórico reformado será reinaugurado nesta terça (28) em Santa Izabel do Pará.** Disponível em: <<https://www.oliberal.com/belem/predio-historico-reformado-sera-reinaugurado-nesta-terca-28-em-santa-izabel-do-para-1.554182>>. Acesso em: 07 out. 2025.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do Poder.** São Paulo: Ática, 1993.

SANTA IZABEL DO PARÁ. **Programação cultural.** Disponível em: <<https://santaizabel.pa.gov.br/programacao-cultural/>>. Acesso em: 07 out. 2025.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço.** Técnica e tempo. Razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 2002.

SANTOS, Milton. **O retorno do território.** São Paulo: Hucitec/Annablume, 2005.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias de currículo.** Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p. 85.

UFPA – UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. **Santa Izabel do Pará: patrimônio, história e memória.** Disponível em: <<https://bdm.ufpa.br/items/3b0913d3-e3b9-4ac7-91ba-287e45aa1069>>. Acesso em: 07 out. 2025.

WIKIPÉDIA. **Santa Izabel do Pará.** Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Santa_Izabel_do_par%C3%A1>. Acesso em: 07 out. 2025.

Submissão: junho de 2024. Aceite: julho de 2024. Publicação: dezembro de 2024.